

**OS IMPACTOS DA EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO CANAVIEIRO
PARA AS RELAÇÕES CAMPO-CIDADE NO PONTAL DO
PARANAPANEMA (SP) ¹**

Fredi dos Santos Bento

Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT/UNESP)
orcid.org/0000-0001-6408-8134
E-mail: fredisousuke@gmail.com

DOI: 10.35416/geoatos.v3i18.7219

Resumo

Neste início do século XXI, têm-se ampliado as discussões em respeito às relações campo-cidade, tendo em vista uma série de transformações pelas quais tem passado o campo brasileiro nas últimas décadas, com destaque para o discurso em respeito à vocação agroexportadora que permeia as perspectivas de desenvolvimento no país. No entanto, nosso objetivo neste texto é analisar os reais impactos que esta opção tem gerado para o campo brasileiro, e as novas relações campo-cidade que têm-se produzido a partir do desenvolvimento deste modelo. Com esse intuito, chamamos atenção para a realidade vivenciada no Pontal do Paranapanema (SP), que nestas primeiras décadas do século supracitado, têm sido marcado pela presença deste modelo de desenvolvimento, dado o avanço do agronegócio canavieiro, e que estimula-nos a analisarmos os reais impactos para as relações campo-cidade que se desenham no mesmo, com um olhar para as migrações do trabalho para o capital na região. Para conseguirmos tal intento, nos utilizamos de entrevistas semiestruturadas com trabalhadores do setor canavieiro nesta região, além de órgãos ligados ao desenvolvimento agropecuário, à exemplo das Casas de Agricultura.

Palavras-chave: Relações campo-cidade; Agronegócio canavieiro; Novas ruralidades; trabalho; Pontal do Paranapanema (SP).

**LOS IMPACTOS DE LA EXPANSIÓN DE LA AGROINDUSTRIA
CAÑAVIERA PARA LAS RELACIONES CAMPO-CIUDAD EN PONTAL
DO PARANAPANEMA (SP)**

Resumen

A principios del siglo XXI, se ha ampliado el debate acerca de las relaciones campo-ciudad, teniendo en vista una serie de transformaciones por las que ha pasado el campo brasileño en las últimas décadas, especialmente bajo el discurso de la vocación agroexportadora que se impregna a las perspectivas de desarrollo del país. Por lo tanto, nuestro interés es analizar el impacto real que esta opción ha generado al campo brasileño, y las nuevas relaciones campo-ciudad que han sido producidas a partir del desarrollo de este modelo. Por esa razón, llamamos la atención para la realidad en la que viven en Pontal do Paranapanema (SP), recorte territorial de este trabajo y que en las primeras décadas del siglo mencionado ha sido marcada por la presencia de este modelo de desarrollo, teniendo en cuenta el avance de la agroindustria cañaviera, y que nos incita a analizar el impacto real sobre las relaciones campo-ciudad que se dibujan en él. En este sentido, la necesidad de comprender este fenómeno es porque no

¹Artigo apresentado a disciplina Relação cidade-campo ministrada pela professora doutora Rosangela Aparecida de Medeiros Hespagnol do PPGG da FCT/UNESP de Presidente Prudente.

podemos observar Pontal do Paranapanema (SP) separado de los cambios recientes que ha penetrado el campo brasileño.

Palabras clave: Relaciones campo-ciudad; La agroindustria cañaviera; Nuevas ruralidades; Trabajo; Pontal do Paranapanema (SP).

THE IMPACTS OF THE EXPANSION OF SUGARCANE AGRIBUSINESS FOR FIELD-CITY RELATIONS IN THE PONTAL DO PARANAPANEMA (SP)

Abstract

At the beginning of this century, it has expanded the discussions in relation to field-city relations, in view of a series of transformations because it has passed the Brazilian countryside in recent decades, especially the speech concerning the agro-export vocation that pervades prospects development of the country. However, it is in our interest to analyze the real impact that this option has led to the Brazilian field, and the new field-city relationships that have been produced from the development of this model. To that end, we call attention to the reality experienced in the Pontal do Paranapanema (SP), territorial approach of this work and these first decades of the aforementioned century has been marked by the presence of this development model, given the advance of sugarcane agribusiness, and it encourages us to analyze the real impact on the field-city relationships that are drawn on it. In this sense, the need for understanding of this phenomenon concerns we can't see the Portal do Paranapanema (SP) released from recent changes that has permeated the Brazilian countryside.

Keywords: Relations field-city; Sugarcane agribusiness; New ruralities; Labour; Pontal do Paranapanema (SP).

Introdução

Nessa segunda década do século XXI, têm-se ampliado as discussões em respeito às mudanças e desafios presentes no campo brasileiro, e a sua relação dialética com a cidade. Dessa maneira, é importante nos situarmos no debate que têm sido feito em relação às novas relações campo-cidade, materializadas nas últimas décadas no Brasil e no mundo, dadas as suas coexistências, contradições e novas configurações apresentadas.

Vale (2005) destaca que as relações campo-cidade têm evoluído ao longo dos anos, tendo em vista as mudanças vivenciadas no meio rural, ao mesmo tempo em que mudanças ocorridas na cidade também têm afetado as atividades desenvolvidas no campo, dando margem para podermos compreender a relação dialética existente entre o campo e a cidade, que se manifesta de forma mais clarificada quando analisamos a inter-relação direta entre ambos.

Dessa maneira, partimos do pressuposto de que o campo e a cidade se complementam, fazendo-se possível enfatizar tal afirmação, dado todo um acúmulo histórico que marca o desenvolvimento destas relações, sendo nosso objetivo neste texto,

pontuarmos os rebatimentos das mudanças pelas quais tem ocorrido no campo e podermos falar assim, em ‘novas dinâmicas’, de cunho econômico, social, cultural e político, como assevera Hespanhol, R. (2013), que perpassam o campo e a cidade, e neste caso tratarmos das migrações temporárias e seus impactos para as relações campo-cidade.

A autora supracitada, também chama a atenção para o fato de que a cidade e o campo, “são compreendidos como espaços (formas) dotados de conteúdos que, por sua vez, denominam-se rural e urbano” (HESPANHOL, R., 2013, p.109). Então é de vital importância à análise destes conteúdos, dada a atual conjuntura que se apresenta para o campo brasileiro, tendo em vista os projetos e as políticas que foram direcionadas para o mesmo, com enfoque para o que Elias (2008) entende por novas relações campo-cidade.

Essa análise não deve deixar de lado os distintos caminhos que se projetam quando pensamos o rural brasileiro nas últimas décadas, devendo-se levar em consideração os interesses e as políticas materializadas para o mesmo, a exemplo da vocação agroexportadora que tem assumido o país, e que permite-nos tensionar seus reais efeitos para o campo e a cidade, haja vista entendermos ambos em uníssono como destacado anteriormente.

Sob esta perspectiva, é preciso que situemos o debate em respeito aos impactos que o modelo agroexportador têm efetivado para as relações campo-cidade, a exemplo da configuração que se apresenta no Pontal do Paranapanema (SP). Assim, na primeira parte deste texto destacamos o debate relacionado às relações campo-cidade e as novas ruralidades no território brasileiro e em seguida passaremos a realidade materializada no Pontal do Paranapanema (SP), de forma a questionar quais os impactos que o agronegócio canavieiro trouxe para as relações campo-cidade.

O debate em torno das relações campo-cidade e das novas ruralidades no território brasileiro

Ao pensarmos as relações campo-cidade é interessante demarcarmos a existência de uma plêiade de interpretações no que diz respeito à compreensão do rural e do urbano na atualidade, de modo que o acúmulo histórico de discussões a respeito da questão possibilita-nos apreender algumas das principais tendências que perpassam esses estudos,

com o intuito de sinalizarmos para uma leitura que possa tentar responder as recentes mudanças que se projetam no campo brasileiro.

Com esse propósito, é preciso esclarecer que uma das formas de se ler e apreender a relação campo-cidade diz respeito à compreensão do campo enquanto lócus de realização de atividades agrícolas, perspectiva presente na visão dicotômica das relações campo-cidade como aparece em Sorokin, Zimmerman e Galpin [1981 (1929)], que enumeraram uma série de fatores que diferenciam o campo da cidade.

Em contrapartida, Solari (1979), traz para o debate outra perspectiva de se ler o campo e a cidade, pautada por uma visão de *continuum* entre o rural e o urbano, visão esta que é advogada por outros teóricos da questão, a exemplo de Graziano da Silva (1999), que em sua perspectiva de entender o ‘novo rural brasileiro’ enfatiza que o mesmo deve ser compreendido enquanto um continuum do urbano, em uma análise espacial, com destaque para “um avanço do urbano num espaço antes ocupado pelo rural” (p.01).

Alves (2012) em seu estudo à respeito das relações campo-cidade na Geografia brasileira permite-nos apreender a existência de leituras distintas a cada momento histórico vivenciado na construção dessa ciência no país, dado que se na época dos estudos versados pela perspectiva de uma Geografia de cunho tradicional, o campo determinava o ritmo da cidade, nos estudos com viés crítico, há uma população urbana dominante, enfatizando também a presença de ruralidades no espaço urbano.

A necessidade de se compreender essas diferentes leituras do campo e da cidade não deve deixar de versar as particularidades históricas que permitem enxergarmos o campo como possuidor de uma realidade (lógica) própria, ao mesmo tempo em que está atrelado a uma série de outras lógicas que perpassam a sociedade, como defende Wanderley (2001), o que permite-nos questionar as perspectivas que colocam o campo exclusivamente como local de desenvolvimento de atividades agrícolas.

Hespanhol, R. (2013) ressalta que tal compreensão omite uma série de outras questões materializadas no campo, devendo-se levar em consideração a presença de atores distintos, funções e atividades que são ressaltados na concepção do mesmo enquanto espaço em movimento e de múltiplos significados.

Rua (2005) partindo do pressuposto de que há uma interação entre o rural e o urbano, chama a atenção para a existência de ‘urbanidades no rural’, que não deixam de

lado uma série de particularidades que demarcam o rural em decorrência do urbano, pois apesar de se complementarem, o rural e o urbano mantêm suas especificidades.

Nesta perspectiva, é comum o desenvolvimento de atividades na cidade realizadas pela população residente no campo, em um contexto em que se apresentam as dificuldades que esta população encontra para manter-se apenas realizando atividades de caráter agrícola (HESPANHOL, R., 2013).

Todavia, o desenvolvimento de novas atividades no campo ou fora dele, principalmente as de caráter não agrícola, não significa que as atividades tradicionais, com destaque para as voltadas à agricultura, não sejam mais importantes, ou que simplesmente tenham desaparecido, pois a interlocução das mesmas é que permite-nos compreender os novos conteúdos que se colocam para a realidade vivenciada no campo. Desse modo, “o novo não levou ao desaparecimento do velho, do tradicional” (MOREIRA, 2007, p.53).

Então, ao falarmos do avanço das atividades não exclusivamente voltadas para a agricultura no campo, devemos ter em mente as perspectivas que dizem respeito à ampliação das atividades de caráter *pluriativo*², que não podem ser lidas sob a perspectiva do fim das atividades agrícolas, dada a necessidade de que se desenvolvam no mínimo duas atividades articuladas, sendo uma delas relacionada à agricultura, permitindo a população residente no campo aferir uma renda maior que àquela que contabilizaria apenas com as atividades agrícolas. Para tanto, é importante asseverarmos que este não é um fenômeno novo, mas que têm ganhado destaque nas últimas décadas pelos distintos significados que tem assumido para a compreensão do campo na atualidade (CARNEIRO, 1998; WANDERLEY, 2009; SCHNEIDER, 2009).

A pluriatividade é apenas uma das faces do que alguns teóricos têm estabelecido enquanto ‘novas ruralidades’, porém estas não são tão novas assim, sendo mais correta à compreensão de uma série de questões que antes não tinham tanto significado para a análise do campo, mas que no momento histórico atual, passam a ter, sendo parte de uma nova etapa do desenvolvimento do mundo rural (GÓMEZ, 2001; FAVARETO, 2007).

Além da pluriatividade, outros fatores caracterizam o delineamento de novas ruralidades, pois o desenvolvimento de atividades de caráter rural na cidade, principalmente

² Para Moreira (2007), o que caracteriza uma unidade de produção enquanto pluriativa é a existência de outras atividades exploratórias como o assalariamento em outras propriedades, atividades de beneficiamento e processamento, bem como atividades não relacionadas especificamente a agricultura, à exemplo das atividades de lazer e turismo rural.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 18, v. 03, p. 181-205, maio-ago. Ano 2020.

por habitantes de origem rural, que ao rumarem para a cidade, mantém uma série de costumes vinculados ao campo, à exemplo do hábito de cultivar hortaliças no fundo do quintal e o da produção artesanal, sendo o mesmo importante quando temos em mente os trabalhadores migrantes que ao se estabelecerem nas cidades do Pontal do Paranapanema (SP), com o intuito de trabalhar na agroindústria canavieira, trazem consigo uma série de tradições, costumes e atividades de seus locais de origem, devendo-se enfatizar que boa parte desta população tenha origem no campo, como veremos na segunda parte desse texto.

Tal perspectiva diz respeito às mudanças ocorridas na cidade. Em contrapartida, a população residente no campo também têm incorporado hábitos provenientes da cidade e isso fica bem nítido ao pensarmos as juventudes de origem rural, pois o contato com jovens da cidade incute novos valores para estas juventudes, que passam a almejar o estilo de vida urbano materializado em bens de consumo e projetos pessoais e até mesmo no lazer (ANTONELLO, 2009; HESPANHOL R., 2013).

As novas ruralidades são marcadas assim por um caráter heterogêneo, levando-se em conta os múltiplos conteúdos presentes nesta perspectiva e por isso a necessidade de sinalizarmos para uma leitura do campo brasileiro através desta perspectiva, que diferente da visão dicotômica e a daquela que versa a existência de um continuum rural-urbano, permite-nos analisarmos os tensionamentos que marcam a territorialização das relações campo-cidade.

Dentro desta perspectiva é que emergem as novas relações campo-cidade, caracterizadas pela regulação realizada a partir da cidade, que capitaneia também as transformações que têm ocorrido no espaço rural, com destaque para o avanço do agronegócio que têm-se colocado enquanto modelo de produção agrícola mais promissor, o que não quer dizer que outros modelos de desenvolvimento da agricultura, à exemplo da agricultura familiar, tenham desaparecido!

Elias (2008) destaca que o avanço do capitalismo no campo, através da disseminação do agronegócio, está atrelado a ampliação da urbanização, haja vista a interlocução necessária entre campo e cidade, que possibilita o controle da agricultura moderna pela mesma.

Com relação à agricultura moderna, devemos considerar que para sua existência é necessário que haja o uso intensivo de equipamentos e técnicas (máquinas e insumos),

possibilitando-nos a compreensão de que a mesma está associada à mecanização e tecnificação, pois o processo de mecanização está atrelado à oferta de créditos para os médios e grandes produtores, o que deflagrou na constituição dos complexos agroindustriais, à exemplo do canavieiro, que analisaremos a seguir (TEIXEIRA, 2005; HESPANHOL A.; HESPANHOL R., 2006).

A análise que versa o desenvolvimento do agronegócio e seu impacto na materialização das novas relações campo-cidade, não deve perder de vista o caráter territorial presente na mesma, pois é através da abordagem territorial que se apresentam de forma mais evidente as transformações que atingem o campo, dada a importância do conceito de território para a revelação de relações, configurações políticas e identidades que se expressam no campo brasileiro (ABRAMOVAY, 2000; HESPANHOL, R., 2013).

É sob a égide dessa discussão que se insere a realidade materializada no Pontal do Paranapanema (SP), pois além de palco da ampliação dos investimentos no setor canavieiro nestas primeiras décadas do século XXI, também é permeado por uma série de conflitos relacionados a posse da terra, bem como pela presença de trabalhadores migrantes temporários para o corte da cana-de-açúcar, o que possibilita-nos a efetivação de entendimentos a respeito dos impactos que o avanço do agronegócio canavieiro têm causado para o desenvolvimento das relações campo-cidade na região.

A expansão do agronegócio canavieiro e as migrações do trabalho para o capital no Pontal do Paranapanema (SP)

A realidade verificada no Pontal do Paranapanema nos últimos anos, não está longe daquela apresentada por Elias (2008), sob a integração entre o agronegócio e a economia urbana, pois como destaca a autora supracitada, este é um fator crucial na produção de novas relações entre o campo e a cidade, com ênfase para o ordenamento promovido pelo agronegócio nos territórios em que se efetiva, chamando a atenção para a configuração existente no Pontal, concretizada pela expansão do setor canavieiro.

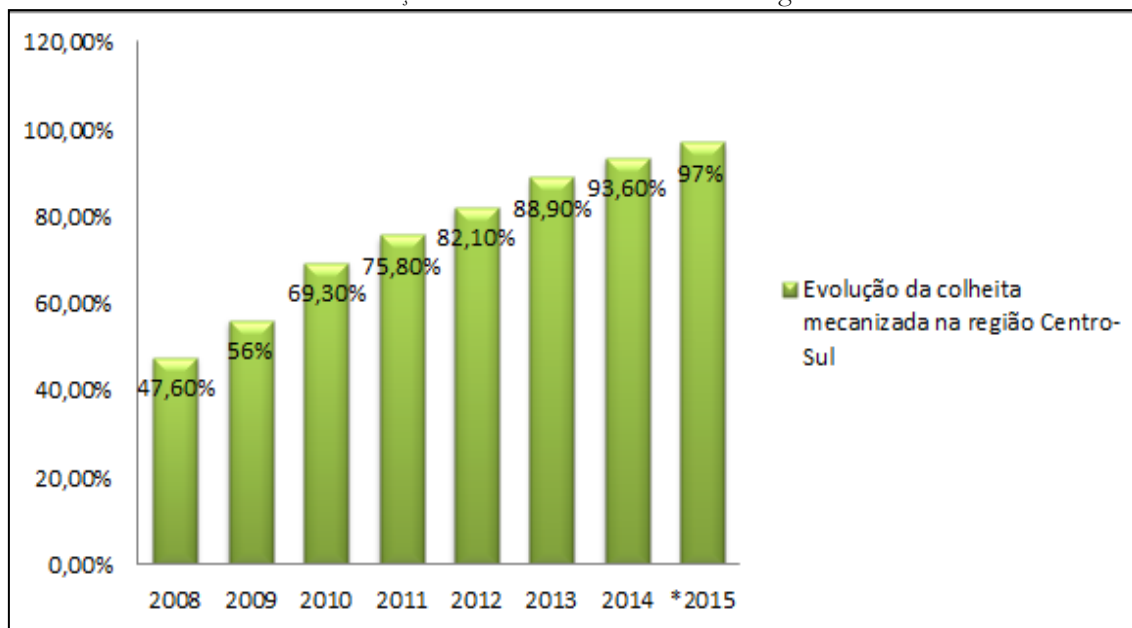
O reordenamento provocado pelo agronegócio nos territórios onde avança, deve ser lido a partir da reorganização do campo e da cidade, dadas as técnicas, empreendimentos, informações, qualificando a presença do meio técnico-científico-informacional também no campo, graças a tecnificação, aos insumos mecanizados etc., que têm passado a fazer parte da realidade do mesmo (ELIAS, 2008).

Em relação ao avanço do agronegócio, Segatti (2009) destaca uma mudança brusca no ritmo da modernização da agricultura em meados da década de 1990, considerando-se o fato de a mecanização das operações de colheita e pós-colheita ter-se amplificado, e que permite-nos questionar quais os impactos para a produção efetivada pelos pequenos produtores.

Desse modo, a implantação e expansão do agronegócio, a exemplo do canavieiro, têm-se corroborado enquanto entrave para os pequenos produtores rurais, dada a disputa por terras, levando em consideração que para que se efetive a expansão da agroindústria canavieira, é preciso que se amplie o estoque de terras disponíveis para o plantio e o cultivo da gramínea, contracenando diretamente com a consequente diminuição da produção de alimentos (LELIS; HESPANHOL R., 2015).

É neste cenário que o agronegócio canavieiro têm-se expandido nos últimos anos, atrelado à amplificação da mecanização do plantio e da colheita da cana-de-açúcar, sendo a mesma sentida de maneira mais evidente nos estados do Centro-Sul, estados esses que possuem a maior produção da gramínea. De acordo com as expectativas do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira), a mecanização alcançou 97% dos canaviais na região em 2015 (Gráfico 01) contra 93,4% em 2014, tendo crescido também segundo o órgão, o plantio mecanizado da cana nos últimos anos (UNICA, 2016).

Gráfico 01: Evolução da colheita mecanizada na Região Centro-Sul



Fonte: CTC e UNICA, 2016.

Organização: Autor (2016). * Acumulado até abril de 2015.

O advento da ampliação da mecanização do setor canavieiro está ligado a perspectivas de um modelo agroexportador pautado pela ‘agricultura moderna’, estando também permeado por uma série de contradições no que tange a sua gestação e desenvolvimento, dados os agravos ocasionados seja para o meio ambiente, seja para a população dos municípios em que se instala.

E nesse sentido termos em mente os pequenos municípios, que tem presente em seu cotidiano as disputas por território realizadas pelo capital agroindustrial, à exemplo do canavieiro, e que nos leva a questionar o mesmo em sua gênese, pois as promessas de desenvolvimento, superação da pobreza e ampliação da qualidade de vida, não têm-se corroborado, pelo oposto, têm-se ampliado as contradições e desigualdades existentes (HESPANHOL A., 2008).

Esse entendimento é reforçado por Teixeira (2005) e Hespagnol A.; Hespagnol R. (2010) que sinalizam para outro fator importante que diz respeito a concentração da propriedade da terra, alinhada a presença de relações de trabalho que remontam outro tempo histórico, daí o qualificativo de ‘arcaicas’ no campo, e que estimula-nos a pensar a questão no recorte territorial trazido para este constructo.

Sob o crivo dessas questões é que se insere o Pontal do Paranapanema (SP)³, que têm sido alvo nos últimos anos do reordenamento territorial produzido pelo capital agroindustrial canavieiro, que deixaram (deixam) marcas claras no território, tendo-se em conta a amplitude das contradições apreendidas neste processo, em uma região que historicamente é conhecida pelo *conflito*, sendo esses ligados ao processo de ocupação das terras, que começou a partir do final do século XIX e, principalmente, no decorrer das primeiras décadas do século XX, atrelado à manutenção da existência de terras griladas (LEITE, 1998).

Um dos impactos da expansão do agronegócio canavieiro para as relações campo-cidade na região, deve-se a presença de trabalhadores migrantes temporários que como apresentado anteriormente, vem em busca de remuneração nos canaviais paulistas, trazendo consigo uma série de costumes, hábitos, tradições culturais que remontam a seus locais de origem, pois boa parte desses trabalhadores advém do campo e ao se tornarem *migrantes estabelecidos*⁴, preservam essas tradições nas cidades em que se instalam.

Entretanto, para refletirmos em respeito a essas questões é crucial que estabeleçamos de que tipo de migrações estamos tratando, realizando assim as devidas mediações com a teoria, com o intuito de depreender uma leitura geográfica e territorial do trabalho a partir das migrações do trabalho, bem como as sinalizações que esse processo de grande complexidade apresenta-nos para compreendermos a ampliação da precarização e superexploração do trabalho nos canaviais da região.

Em relação a esse aspecto, é viável esclarecermos que estamos enxergando nas migrações do trabalho para o capital, as migrações temporárias ou sazonais, caracterizadas pelo percurso realizado anualmente por trabalhadores e trabalhadoras do país pelos mais diferentes corredores migratórios, em busca de remuneração, sendo qualificados assim, enquanto mão de obra barata a ser acionada pelas mais diferentes frações do capital, com destaque para o agroindustrial canavieiro.

Martins (1988, p.45) afirma que essas migrações se qualificam pela passagem de um tempo a outro, pois esses trabalhadores e trabalhadoras podem “ser duas pessoas ao

³Quando falamos no Pontal do Paranapanema (SP) estamos considerando sua designação, segundo a Unipontal (União dos Municípios do Pontal do Paranapanema) que reúne um total de 32 municípios, localizados na 10ª R.A. (Região Administrativa), esta última que compreende as microrregiões do Pontal do Paranapanema e da Nova Alta Paulista.

⁴ Entendemos a categoria de migrantes estabelecidos, dado estes serem trabalhadores, que se estabeleceram nos locais de destino, não mais retornando para suas cidades de origem.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 18, v. 03, p. 181-205, maio-ago. Ano 2020.

mesmo tempo, é sair quando está chegando e voltar quando está indo... é estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum”. Desse modo, esses trabalhadores viveriam uma dupla situação, pois ao mesmo tempo em que se mantém relacionadas aos municípios de origem, também estabelecem territorialidades nos de destino, o que denota sua dupla personalidade.

Em contrapartida, também estamos entendendo as migrações do trabalho para o capital enquanto um processo descrito por Gaudemar (1977) como mobilidade do trabalho, que aqui pontuamos enquanto mobilidade territorial do trabalho. Encimado nesta perspectiva compreendemos que os deslocamentos migratórios são parte de um processo de circulação das forças de trabalho, que desloca os trabalhadores pelo espaço.

O processo de mobilidade do trabalho amplifica ainda mais o caráter forçado assumido pelas migrações sazonais do trabalho para o capital, pois em nossas investigações temos constatado que o trabalhador migrante sazonal, não migra porque quer, havendo toda uma construção relacionada à estrutura social, econômica e política que permite que se apreenda o migrar enquanto um processo histórico (SILVA, 2004).

Sem embargo, apesar de visualizarmos as migrações do trabalho para o capital, enquanto migrações forçadas, isso não impede-nos de considerarmos a existência de outros fatores que acabam por se somar ao caráter perverso assumido nas migrações do trabalho, perspectivando aqui, o conhecimento em torno das trajetórias laborais construídas por esses trabalhadores e trabalhadoras.

Os trabalhadores e trabalhadoras migrantes viveriam então, o trânsito entre tempos, relações e contradições sociais diferentes, e que permite-nos visualizar nas migrações sazonais a materialidade de um processo social que leva em conta ainda, questões relacionadas aos próprios sentimentos para com as experiências migratórias e as marcas deixadas, pois o retornar periodicamente não garante que se possa efetivar a territorialização perdida no momento da partida (IAMAMOTO, 2001; MARTINS, 2002).

Contudo, estamos lendo as migrações do trabalho para o capital enquanto um processo social de grande complexidade, considerando não somente os sentidos e significados atuantes em tal processo, mas também pelos fatores que levam os sujeitos a migrarem, mesmo que temporariamente, como é o caso cotejado aqui.

Nesse aspecto chama nossa atenção a realidade vivenciada no Pontal do Paranapanema (SP), tendo em vista a mesma ser uma das rotas de destino das migrações do

trabalho para o capital neste início do século XXI e que nos leva a questionar quem são os sujeitos que diariamente vendem sua força de trabalho nos canaviais paulistas.

Os impactos da expansão do agronegócio canavieiro para as relações campo-cidade no Pontal do Paranapanema (SP)

Advindos principalmente dos estados da região Nordeste do Brasil e Norte de Minas Gerais (Mapa 01), homens, pouco escolarizados (ensino fundamental incompleto) e com faixa etária entre 18 e 35 anos, esses trabalhadores e trabalhadoras compõem parte vital da estratégia de territorialização do capital agroindustrial canavieiro, tendo em vista que a utilização da força de trabalho migrante nesses tempos de transição técnico-ocupacional, têm-se ampliado e isso é perceptível quando olhamos para os municípios do Pontal do Paranapanema (SP), com ênfase para aqueles que possuem e/ou possuíam unidades processadoras em estado falimentar como Santo Anastácio e Marabá Paulista-SP, que em meio ao avanço da tecnificação do setor, acabaram não acompanhado o ritmo das mudanças empreendidas, sendo importante considerar também fatores como a má gestão que acabaram por ocasionar sua falência.

Mapa 01: Origem dos trabalhadores migrantes para os canaviais do Pontal do Paranapanema (SP)



Fonte: Pesquisa de campo (2016-2017).
Organização: Autor (2018).

No mapa 01, estão projetadas as principais cidades de origem que foram pontuadas pelos trabalhadores e trabalhadoras migrantes entrevistados, de modo que é possível percebermos que boa parte destes e destas, advém da Região Nordeste e Norte do estado de Minas Gerais, sendo importante frisar que sua trajetória laboral muitas vezes perpassa outra região administrativa paulista, com grande presença migrante, que é a de Ribeirão Preto-SP.

Dessa maneira, nos têm ocupado os recentes casos ocorridos nos municípios do Pontal do Paranapanema (SP) cuja presença desses trabalhadores e trabalhadoras têm sido acentuada neste início de século, inclusive em condições de escravidão ou análogas a de escravo, dado que o Oeste paulista faça parte de uma das áreas de maior número de resgate de trabalhadores de acordo com o Observatório Digital do Trabalho Escravo, e que permite-nos continuar a tentar buscar entendimentos em respeito as trajetórias laborais desses trabalhadores e trabalhadoras, bem como de que forma o capital exerce o controle social sobre os mesmos dentro e fora dos canaviais, seja através do gato (agenciador), seja através de si próprios, dado o controle e vigilância que fazem a si mesmos.

Todavia, com o processo de transição tecnológica/técnico-ocupacional⁵ os trabalhadores e trabalhadoras têm vivenciado uma situação até então não conhecida, como a divulgada pelo Jornal Folha de São Paulo de 02 de julho de 2017, intitulada “os órfãos da cana”, que diz respeito ao fato de a mecanização da cana ter travado os corredores migratórios com destino ao estado de São Paulo, e que continua a estimular-nos nas seguintes compreensões: quais os impactos da mecanização da colheita da cana para os trabalhadores e trabalhadoras migrantes? De que forma o capital agroindustrial canavieiro têm exercido o controle social para com os mesmos? Quais os rebatimentos da transição tecnológica para os municípios de origem dos trabalhadores migrantes?

Essas e outras questões nos impelem a construirmos uma leitura geográfica do trabalho encimada nas migrações do trabalho para o capital, com um olhar para os impactos para as relações campo-cidade, tendo em vista o atual momento vivenciado pelo setor canavieiro, sob a prerrogativa da transição tecnológica/técnico-ocupacional.

⁵ Por transição tecnológica estamos entendendo a expressão da reestruturação produtiva no agrohidronegócio canavieiro neste início do século XXI, tendo em vista a passagem do corte e plantio manual para o mecanizado nos canaviais brasileiros, bem como estamos chamando a atenção para uma série de mudanças no que tange as relações de trabalho e qualificação de trabalhadores dentro e fora dos canaviais (BENTO, 2015; 2017; BENTO, THOMAZ JUNIOR, 2015).

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 18, v. 03, p. 181-205, maio-ago. Ano 2020.

Sob essa perspectiva é que também chama-nos a atenção o grau de plasticidade que assume a força de trabalho neste início de século, e que é marca fundamental nos entendimentos em respeito de uma leitura geográfica e territorial do trabalho em meio as novas relações campo-cidade que estamos nos propondo a realizar, dadas as devidas mediações com a teoria, para o que estamos pontuando enquanto trajetórias laborais (IL), tendo em consideração que a discussão em respeito às trajetórias laborais, tendo em vista a sua importância na compreensão dos novos itinerários do mundo do trabalho, os sentidos subjetivos presentes nas histórias de vida, e nos relatos orais apresentados pelos trabalhadores e trabalhadoras, bem como nas interações sociais obtidas no curso de vida dos mesmos e seus contextos histórico-sociais analisados na compreensão temporal das trajetórias (ROBERTI, 2011).

Roberti (2011) entende as trajetórias laborais enquanto as posições sucessivas que as pessoas vão desempenhando em seu trabalho ao longo da vida, no que traduzimos para as diferentes lavras que os trabalhadores e trabalhadoras desempenham, embora a autora considere ainda que “a trajetória laboral permite analisar a interação entre o aspecto objetivo e as concepções subjetivas do trabalho”, p.43, permitindo-nos fazer um chamamento para as diferentes experiências laborais que os trabalhadores e trabalhadoras migrantes vivenciam ao longo de sua vida, possibilitando-nos compreender as diferentes estratégias desenvolvidas pelos mesmos, apesar do fato de estarem subordinadas as estratégias promovidas pelas mais distintas frações do capital, com ênfase para o agroindustrial canavieiro.

Para a compreensão (realização) do entendimento em respeito as trajetórias laborais dos trabalhadores e trabalhadoras é que estamos chamando a atenção para a proposta em respeito as trajetórias laborais, dada a possibilidade de não apenas compreendermos questões atinentes a memória e as histórias de vida desses seres sociais, como também a temporalidade presente nas diferentes mudanças de lavras, ou seja, permitindo-nos compreender o movimento migratório em sua gênese.

Dubar (1998) chama a atenção para a discussão em respeito as trajetórias sociais objetivas e subjetivas, considerando que as primeiras resultam das posições sociais ocupadas por um indivíduo e as subjetivas dizem respeito as possibilidades alçadas através da entrevista biográfica, possibilitando a compreensão dos percursos biográficos, sendo que para a compreensão das trajetórias laborais em si, é preciso a análise de ambas,

permitindo a análise não apenas da trajetória laboral, como também da trajetória de vida desses trabalhadores e trabalhadoras, que pode ser lida a partir das trajetórias laborais dos mesmos, sendo a segunda, parte da primeira!

E por isso a necessidade de empreendermos uma análise que verse o movimento migratório a partir das trajetórias laborais e de vida dos trabalhadores e trabalhadoras e a territorialização presente neste processo, então chamarmos a atenção para as trajetórias laborais (Mapa 02) (Figura 01), dado o papel desempenhado para com a discussão das novas relações campo-cidade.

Mapa 02: Trajetória de um dos trabalhadores entrevistados⁶

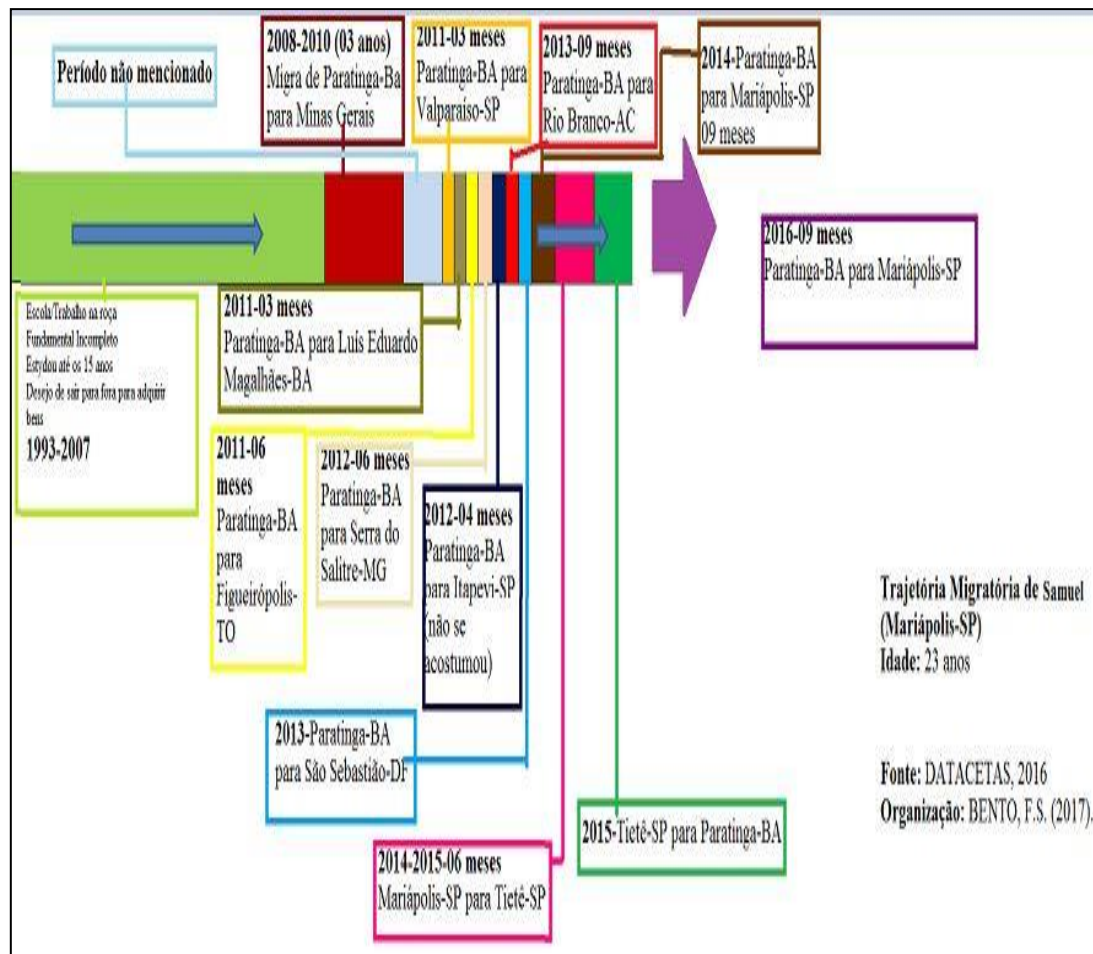


Fonte: Pesquisa de campo (2016-2017).

Organização: Autor (2018).

Figura 01: Linha do tempo de um dos trabalhadores entrevistados

⁶ Em respeito às informações verbais, é importante qualificarmos que elas provem ou de caderno de campo (anotações), ou de conversas gravadas (quando há a autorização do trabalhador/trabalhadora) para que a mesma seja gravada. Optamos pela preservação total do nome dos trabalhadores e trabalhadoras entrevistados, de modo que, os nomes citados neste texto tratam-se de pseudônimos.



Fonte: Pesquisa de campo (2016-2017).
Organização: Autor (2018).

Essa perspectiva é importante, pois compreendemos a centralidade que o trabalho assume na vida das pessoas, tendo em consideração que através das linhas do tempo temos podido entender uma série de questões referentes a invisibilidade, o descarte e o adoecimento de trabalhadores, bem como a plasticidade do trabalho que é intrínseca aos trabalhadores e trabalhadoras migrantes.

Esses trabalhadores e trabalhadoras também são responsáveis por uma série de tradições que se inter-relacionam com a concretização das novas relações campo-cidade, pois além dos impactos relacionados ao ordenamento territorial, a mecanização agrícola, dentre outros, também se verificam impactos de ordem menor, a exemplo de atividades originárias do campo, que passam a serem desenvolvidas também na cidade.

Vale (2005) com relação a essas atividades que a primeira vista, parecem estranhas ao cotidiano citadino, propõe que essas formam verdadeiras 'ilhas na cidade', chamando a

atenção para as propriedades mais próximas do limiar entre o campo e a cidade, levando-se em consideração o perímetro urbano, podendo ser qualificadas enquanto parte das áreas periurbanas ou franjas periurbanas, fenômeno que têm-se materializado na realidade brasileira, e que no caso dos municípios do Pontal do Paranapanema (SP), ganha um novo elemento para a discussão, que advém da presença dos trabalhadores e trabalhadoras migrantes temporários e estabelecidos.

Outro ponto de discussão refere-se ao papel das mulheres destes trabalhadores, que ao não obterem remuneração nas agroindústrias canavieiras, ou mesmo em outros setores, realizam atividades provenientes do campo, à exemplo das atividades de caráter artesanal. Contudo, Silva (2006) ressalta que quando as mulheres migram, há a ruptura com a terra, tendo em vista não haverem mais pessoas para realizarem as atividades agrícolas na família.

A mudança e incorporação de valores comuns a cidade, também está presente ao pensarmos a relação entre a expansão do agronegócio canavieiro e o deslocamento de trabalhadores e trabalhadoras para atividades relacionadas ao mesmo, pois essas mudanças estão presentes no vestuário, bem como nos hábitos, práticas de consumo e lazer etc., que como destacados na primeira parte deste texto, fazem parte da interlocução entre a juventude de origem rural e a de origem citadina. Tal esclarecimento é importante, pois boa parte dos trabalhadores e trabalhadoras migrantes que buscam remuneração em atividades relacionadas à agroindústria canavieira, é composta por jovens, não se desconsiderando o caráter forçado que qualifica esses deslocamentos (SILVA; CONSTANTE, 2010).

Essas e outras questões permitem-nos efetuar uma análise que transpasse os motivos que levam os trabalhadores e trabalhadoras migrantes temporários a se deslocarem para os canaviais do Pontal do Paranapanema (SP), bem como para outras regiões, com ênfase para os trabalhadores e trabalhadoras de origem rural, dada a falta de perspectivas no que diz respeito a manterem-se no campo desenvolvendo atividades agrícolas, sendo a migração uma das saídas para tal configuração.

Entretanto, além dos impactos relacionados a presença de trabalhadores migrantes na região, não podemos perder de vista os impactos gestados pelo reordenamento territorial promovido pelo agronegócio canavieiro na mesma, dadas às mudanças para a economia dos municípios em que têm-se instalado unidades produtivas,

bem como para os municípios que estão no raio de atuação dessas empresas, o que leva-nos a pensar os benefícios e prejuízos advindos da expansão do setor.

Sob esta perspectiva, se por um lado à implantação de agroindústrias canavieiras possibilita a geração de empregos, como evidencia Segatti (2009) em seu estudo sobre a expansão da agroindústria sucroenergética na microrregião de Dracena (SP), ao mesmo tempo também traz prejuízos quando se põe em conta o quadro de conflitos existente no Pontal do Paranapanema (SP), chamando atenção para as relações capital x trabalho, bem como para os impactos para o meio ambiente, principalmente com relação à utilização de agrotóxicos e biocidas nas lavouras de cana.

Então, é a partir desta realidade de conflitos existente na região e sob a perspectiva das novas relações campo-cidade presente na análise de Elias (2008) ao estudar as redes agroindustriais, e que são parte do que Alves (2012) qualifica enquanto pontos estruturantes (norteadores) dos estudos que versam as relações campo-cidade, sob uma perspectiva crítica, é que pontuamos a necessária compreensão do agronegócio canavieiro e sua importante contribuição para analisarmos as novas relações campo-cidade.

Assim, a necessidade de se compreender os impactos do avanço do agronegócio canavieiro para a construção de relações campo-cidade no recorte territorial enfocado, visa o esclarecimento de uma série de relações construídas no campo e na cidade, a começar pela coexistência de produtores agrícolas pouco capitalizados e uma agricultura de caráter moderno, em que prevalece a utilização de insumos mecanizados, com a ingerência da técnica estabelecendo novas relações que possibilitam o redesenho contínuo dos territórios em que é implantada.

Ao passo que se expande o modelo pautado na agricultura moderna, também prevalecem relações históricas de produção no campo, que atreladas a uma série de atividades novas ou não, integram-se as atividades de caráter não agrícola, o que permite compreendermos que as dinâmicas materializadas no campo e na cidade mantêm-se em movimento constante. Entretanto, os conteúdos que caracterizam ambas, remetem-nos a um contexto em que também estão presentes outras nuances destas dinâmicas como tentamos apresentar neste texto, com ênfase para outros atores que comparecem para que se efetive esta análise.

Considerações Finais

O campo e a cidade não podem mais serem entendidos de forma separada, dada a sua integração exemplificada nas mais diversas atividades que permitem a interlocução de ambos os mundos, diante da complexidade das relações que os envolvem, não podendo se entender o campo como um mundo isolado, e muito menos compreendê-lo apenas enquanto lócus de atividades agrícolas (WANDERLEY, 2001; FAVARETO, 2007).

Nessa perspectiva, é que destacamos a existência de outras relações que têm-se materializado no campo brasileiro nas últimas décadas, e que se exprimem quando pensamos o crescimento das atividades de lazer, *turismo rural*⁷, dentre outras, caracterizadas enquanto atividades não agrícolas, mas que pelo seu potencial de articulação com as atividades de caráter agrícola, permite-nos pensarmos em respeito à relação dialética que permeia o campo e a cidade neste início do século XXI.

Assim, advogamos que as perspectivas que trazem o campo como oposto a cidade, não são mais importantes como afirma Oliveira (2002), sendo necessária uma reflexão sobre o desenvolvimento das relações campo-cidade que verse os desafios e problemas presentes na atualidade, dado que apesar destas serem marcadas pelo caráter contraditório da agricultura moderna que a permeia, não permite que falemos de uma homogeneização das relações construídas, principalmente tendo em vista o campo brasileiro, dadas as resistências e (re) existências presentes no mesmo, como adverte Moreira (2007), destacando então, não uma homogeneização, mas uma heterogeneização das relações, sendo o campo dotado de uma ‘polissemia’ que o abarca.

Essa polissemia é percebida nas novas relações campo-cidade que têm-se manifestado no Pontal do Paranapanema (SP), como tentamos apresentar ao longo do texto, levando-se em consideração as transformações pelas quais têm passado a região com o advento da expansão do agronegócio canavieiro, e os elementos que esse processo traz-nos para pensar o campo na atualidade.

Ademais, nossa perspectiva de tentar analisar algumas nuances das relações campo-cidade na região enfocada, permite-nos formular uma série de questionamentos no que diz respeito à compreensão do que se qualifica enquanto campo e o que se qualifica

⁷O turismo rural pode ser entendido enquanto possibilidade de valorização territorial, pois necessita da ação da gestão do espaço rural para se efetivar, ao mesmo tempo em que permite a manutenção da cultura presente no campo, bem como do patrimônio natural como enfatiza Franca et.al (2009).

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 18, v. 03, p. 181-205, maio-ago. Ano 2020.

enquanto cidade, bem como a articulação de ambos, tornando possível a compreensão das contradições, transformações e coexistências que demarcam não apenas a realidade consubstanciada no Pontal do Paranapanema (SP), mas no campo de maneira geral.

Em síntese, longe de pretendermos encerrar esse debate, nossa intenção é continuar a tensionar os diferentes entendimentos para com a análise das relações campo-cidade neste início do século XXI, e os diferentes atores que participam desse processo direta ou indiretamente, com ênfase para o papel dos trabalhadores e trabalhadoras migrantes temporários e estabelecidos, enquanto possibilidade da materialização de entendimentos em respeito dessas relações na região.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. **Texto para discussão**. Rio de Janeiro: IPEA, nº 702, 2000. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br/texto>>.

ALVES, Flamarion Dutra. A relação campo-cidade na Geografia brasileira: apontamentos teóricos a partir de periódicos científicos. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, vol.16, nº 3, p. 07-18, set-dez de 2012.

ANTONELLO, Ideni Terezinha. Reestruturação produtiva no espaço rural: forjando mutações nas relações urbano-rurais. Dossiê Relações Campo-Cidade, **Temas & Matizes**, nº 16, p. 24-51, segundo semestre de 2009.

BENTO, Fredí dos Santos. **Migração de trabalhadores para o corte da cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema (SP), no início do século XXI**. 2015. 248f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

BENTO, Fredí dos Santos. **Geografia, migrações e trabalho**: Migrações do trabalho para o agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema (SP) no início do século XXI. 1.ed. Düsseldorf: Novas Edições Acadêmicas, 2017, 288p. ISBN: 978-6202406192.

BENTO, Fredí dos Santos; THOMAZ JUNIOR, Antonio. A dinâmica geográfica do trabalho encimada nas migrações sazonais para os canaviais do Pontal do Paranapanema (SP), no início do século XXI. **Revista Pegada** – vol. 16, n.1. 2015.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA E ECONOMIA RURAL, 35, 1998, Natal. **Anais...** Natal, 1998.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.19, n.62, abr. 1998.

ELIAS, Denise. Redes agroindustriais e urbanização dispersa no Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA-DIEZ AÑOS DE CAMBIOS EN EL MUNDO, EN *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 18, v. 03, p. 181-205, maio-ago. Ano 2020.*

ISSN: 1984-1647

LA GEOGRAFIA Y EN LAS CIENCIAS SOCIALES, 10,2008, Barcelona. **Anais...** Barcelona, 2008.

FAVARETO, Arilson da Silva. A longa evolução da relação rural-urbano. **Revista Ruris**, vol. 1, nº 1, p.157-188, março de 2007.

FRANCA, Terezinha J.F. et.al. Turismo e lazer em áreas periurbanas: de proteção de mananciais: território, paisagem e multifuncionalidade. **Informações Econômicas**, vol.39, nº07, p.32-48, jul. de 2009.

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GOMÉZ, Sérgio Emílio. Nueva ruralidad? Un aporte al debate. In: SEMANAS SOCIALES DE LA DIOCESIS DE TALCA (CHILE), Santiago do Chile, 2001. **Anais...** Santiago do Chile, 2001.

HESPANHOL, Antonio Nivaldo. Modernização da agricultura e desenvolvimento territorial. ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA-ENGRUP, 4,2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, p.370-392, 2008.

HESPANHOL, Antonio Nivaldo; HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. Dinâmica do espaço rural e novas perspectivas de análise das relações campo-cidade no Brasil. **Revista Terra Livre**, Presidente Prudente, ano 22, vol. 2, nº 27, p.133-148, jul-dez. de 2006.

HESPANHOL, Antonio Nivaldo. Os efeitos da elevação dos preços das commodities agrícolas sobre a segurança alimentar. **Revista Faz Ciência**, vol. 12, nº 15, p.73-94, jan-jun. de 2010.

HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. Campo e cidade, rural e urbano no Brasil contemporâneo. **Revista Mercator**, vol.12, número especial 2, p.103-112, set. de 2013.

IAMAMOTO, Marilda. **Trabalho e indivíduo social**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2001, 294p.

LEITE, José Ferrari. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. 1. ed. São Paulo: Hucitec: Fundação UNESP, 1998, 202p.

LELIS, Leandro Reginaldo Maximino; HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. Os impactos gerados pela expansão da cana-de-açúcar no município de Junqueirópolis-SP. **Revista Campo Território**, vol.10, nº 21, p.251-269, agosto de 2015.

MARTINS, José de Souza. O voo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: **Não há terra para plantar neste verão** (O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo). 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p.44-61.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 228p.

MOREIRA, Erika Vanessa Moreira. **As múltiplas fontes de renda e a pluriatividade nos bairros Aeroporto, Cedro, Córrego da Onça, Ponte Alta e Gramado no município de Presidente Prudente-SP**. 2007.265f. Dissertação (Mestrado em Geografia) -Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

OLIVEIRA, Rodolfo Osório de. Desenvolvimento, política agrícola e política rural: do setorial ao territorial. **Informações Econômicas**, São Paulo, vol.32, nº12, p.07-16, dez. de 2002.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 18, v. 03, p. 181-205, maio-ago. Ano 2020.

ISSN: 1984-1647

ROBERTI, María Eugenia. **El enfoque biográfico en análisis social:** una aproximación a los aspectos teórico-metodológicos de los estudios con trayectorias laborales. 2011. 87f. Tese (Doutorado em Sociologia), Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata.

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da Anpege**, n° 2, p.45-65, 2005.

SÃO PAULO, União da indústria de cana-de-açúcar. **Balanco 2015.** Disponível em: <<http://www.unica.com.br/documentos/publicacoes/sid/18797613/>>. Acesso em 04 de julho de 2016.

SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação. In: GRAMMONT, Hubert Carton; VALLE, Luciano Martinez (orgs.). **La pluriactividad en el campo latino-americano.** 1. ed. Quito: Flacso, 2009, p.132-161.

SEGATTI, Sonia. **A expansão da agroindústria sucroalcooleira e a questão do desenvolvimento da microrregião de Dracena-SP.** 2009.153f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro.** 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, 151p.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Experiência e memória na bagagem dos caminhantes da terra. **Teoria e Pesquisa**, n° 49, p.35-64, jul.-dez. de 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; CONSTANTE, Rodrigo Martins. A degradação social do trabalho e da natureza no contexto da monocultura canavieira paulista. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, n°24, p.196-240, mai.-ago. de 2010.

SOLARI, Aldo B. O objeto da sociologia rural. In: SZMERECSANYI, Tamás & QUEDA, Oriovaldo. **Vida rural e mudança social.** 1. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979, p.03-14.

SOROKIN, A. Pitirim; ZIMMERMAN, C. Carlo; GALPIN, J. Charles. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, José de Souza. **Introdução Crítica a Sociologia Rural.** 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1981, p.198-224.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto. Modernização da agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais. **Revista Eletrônica da Associação de Geógrafos Brasileiros-Seção Três Lagoas**, vol.2, n° 2, ano 2, p. 21-42, set. de 2005.

VALE, Ana Rute do. A delimitação rural/urbano, as relações cidade-campo e a nova ruralidade: reflexões sobre o espaço rural brasileiro. ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10,2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2005.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. En publicacion: **Uma nueva ruralidade en América Latina?** Norma Giarraca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, p.31-44, 2001.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. **Estudos sociais agrícolas**, Rio de Janeiro, vol.17, n° 1, p.60-85, 2009.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 18, v. 03, p. 181-205, maio-ago. Ano 2020.

ISSN: 1984-1647

Sobre o autor – Informações disponibilizada pelo autor

Fredri dos Santos Bento

Licenciado, Bacharel e Mestre em Geografia pela FCT (Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente - SP) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atualmente é Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia pela mesma instituição.

Como citar esse artigo

BENTO, Fredri dos Santos. Os impactos da expansão do agronegócio canavieiro para as relações campo-cidade no Pontal do Paranapanema (SP). **Revista Geografia em Atos (Geo Atos online)**, v. 03, n. 18, p. 181-205, maio-ago, 2020. DOI: 10.35416/geoatos.v3i18.7219

Recebido em: 12-02-2020

Enviado para correção em: 11-05-2020

Aceito em: 17-07-2020